

12 A POÉTICA DESNUDA EM A ROSA DO POVO

Wilbett Rodrigues de Oliveira*

A *Rosa do Povo* constitui-se no ponto mais alto do primeiro período da produção poética drummondiana. Embora predomine a poesia de participação social, a obra apresenta outras temáticas: reflexão existencial, metapoesia, reminiscências, temas de amor, cotidiano e amizade.

O livro, escrito em 1945, não perdeu o vigor da emotividade poética: propõe reflexões inesgotáveis sobre o papel do artista no mundo e a sua visão diante da realidade circundante.

A rosa (poderia ser a esperança) do povo, “rompe o asfalto” matizada de um profundo lirismo existencial, onde o “eu” questiona, sobretudo o significado das coisas do mundo e de sua própria existência.

O desconcerto e o encantamento nos poemas drummondianos se dão pela simplicidade. Simplicidade, é claro, marca da poesia modernista, composta de uma linguagem sem ornamentos, alegorias.

Em Drummond, como ele mesmo preferia, a palavra é a palavra: desnuda, desadjetivada; assim, noite é noite e não noite fria. Ao leitor cabe-lhe o esforço de sentir a frialdade da noite.

Silvano Santiago explica claramente este estilo quando afirma que “O poeta poupa as palavras, versos e figuras de retórica para se expressar com rigor e contundência. Quanto menos, tanto mais – eis a fórmula mínimo múltiplo comum da poesia.” (SANTIAGO, 1996).

A consciência e a reflexão do/sobre o fazer literário – marca dos poetas modernistas – evidencia-se logo em Consideração do poema:

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

(p. 9)

E em Procura da poesia:

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

* **Wilbett Rodrigues de Oliveira** é especialista em Literatura Brasileira, poeta, escritor e professor da Faculdade do Sul da Bahia (Fasb).

Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consuma
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.

(p. 13-4)

E, negando definitivamente a manutenção da tradição, o poeta impõe a liberdade formal:

[...]

Não faças poesia com o corpo,
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à
[efusão lírica.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro
são indiferentes.

(Procura da poesia, 12)

Retomando um verso do poema *No Meio do Caminho* (“Uma pedra no meio do caminho” p. 9), publicado pela primeira vez na *Revista de Antropofagia*, em 1928, parece-nos que o poeta deixa claro que o elemento “pedra” não é mais um obstáculo que leva ao fracasso, como em Sísifo, mas um desafio, pois a conquista ou fracasso da comunicação com o outro se dá, pura e simplesmente, pela palavra e pela incorporação de palavras tradicionalmente consideradas antipoéticas:

[...]

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse. [...]

(A flor e a náusea, p. 15)

O poeta, “ser explosivo”, “sem fronteiras”, homem do “finito e da matéria”, sabe que é impossível fugir ao mínimo objeto ou se recusar ao grande. Assim, a *res*: a coisa, o homem, Deus, o possível e o incerto, o verídico e o fictício, o certo e o impossível recorrem-se, interpenetram-se, e dessa forma, chega-se à noção de real, que abrange as modalidades do ser, começando pela matéria bruta e terminando em abstrações. Com isso, prevenimo-nos contra a interpretação mecânica da poesia drummondiana, sobretudo, quando notamos crescente apuro, de um poema para outro, em matéria de estilo, de domínio da estruturação etc.

As antinomias transbordam-se sustentadas por uma atmosfera e uma expectativa criadas pelo poeta que, utilizando-se de uma linguagem seca, precisa, não disfarça o objeto ou a coisa e nem força, tampouco,

“o poema a desprender-se do limbo”, revelando-nos sempre o cotidiano de um tempo de homens partidos:

[...]

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora presentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.

[...]

E continuamos. É tempo de muletas.
Tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar.

[...] os bancos triturando o pescoço do açúcar,
a constelação das formigas e usuários,
a má poesia, o mau romance,
os frágeis que se entregam à proteção do basilisco,
o homem feio, de mortal feiúra,
passeando de bote
num sinistro crepúsculo de sábado.

(Nosso tempo, p. 29-35)

O sentimento do mundo, resultado de sua consciência do momento histórico revela-se em Versos à boca da noite:

Sinto que o tempo sobre mim abate
sua mão pesada. Rugas, dentes, calva...
Uma aceitação maior de tudo,
e o medo de novas descobertas.

Escreverei sonetos de madureza?
Darei aos outros a ilusão de calma?
Serei sempre louco? sempre mentiroso?
Acreditarei em mitos? Zombarei do mundo?

(Versos à boca da noite, p. 148)

A decepção com o mundo, com o momento: um misto de medo e insegurança confunde-se (e se funde) com as coisas, os objetos de um tempo que se “presentisignifica”:

É a hora em que o sino toca
mas aqui não há sinos;
há somente buzinas,
sirenes, roucas, apitos
aflitos, pungentes, trágicos,
uivando escuro segredo;
desta hora tenho medo [...].

(Anoitecer, p. 23)

Em verdade temos medo
Nascemos escuros. [...]

E fomos educados para o medo.
Cheiramos flores de medo.
Vestimos panos de medo.
De medo, vermelhos rios
vadeamos.[...]

(O medo, p. 25)

Um sentimento melancólico, fruto da mesmice, invade o poeta, que em seguida se decepciona e se posiciona para o mundo:

[...]

Tudo funciona como sempre
Saio para a rua. Vou morrer.

E novamente a frustração se desponta:

[...]

Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para a casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem [...]

(A flor e a náusea, p. 16)

Mesmo diante dos conflitos existenciais de um “tempo de fezes”, a solidariedade e a comunhão com o próximo associam-se num esforço para despertar o poeta para a vida. O “essencial é viver” e o poeta sabe que é preciso “existir: seja como for” e “amar: mesmo nas canções”. Mas, em vão e ao mesmo tempo um tédio enorme diante da realidade cinzenta contamina o poeta:

O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se o mesmo impasse.
Em vão tento me explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os dentes e não os renova.
As coisas. Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase.

(Idem, p. 15)

O ódio seria um vislumbre de reação, um sinal de vida contra a pasmaceira (admiração tola) da vida:

[...]

Porém meu ódio é o melhor de mim
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima. [...]

(Idem, p. 15)

E lhe causa perplexidade ante o inusitado, o desconhecido, a imposição de um mundo esfacelado:

[...]

Como pois interpretar
o que os heróis não contam?
Como ver o oceano
se é livre a navegação
mas proibido fazer barcos?
Fazer muros, fazer versos,
cunhar moedas de chuva,
inspecionar os faróis
para evitar que se acendam,
e devolver os cadáveres
ao mar, se acaso protestam [...]
(Rola mundo, p. 54)

Não me sinto forte
o quanto se pede
para interpretá-los.
O jeito é esperar.
(Nos áureos tempos, p. 48)

Em *A Rosa do Povo*, o poeta entende o rompimento com a estrutura que o cerca e, como

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape
(Áporo, p. 56)

chega à perplexidade das coisas e o passado que marcam profundamente o homem, numa perpetuidade indiscutível das coisas nas coisas:

Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria
um pouco de mim? no trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,
um pouco de mim em Londres,
um pouco de mim algures?
no consoante?
no poço?
(Resíduo, p. 93-4)

E, na tentativa de “fuga do real, “do feérico”, o poeta reinventa a fantasia, “em água e palavra” como alternativa para escapar da solidão:

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos (...)
[..]
Eis meu próprio elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfasiado
que já não crê nos bichos
e duvida das coisas. [...]
(O elefante, p. 104-5)

Mesmo na recriação desta realidade, a denúncia, o questionamento ante um mundo incompreensível, um mundo de “homens de sorrisos incolores”, que não querem ver nem mesmo rir se tornam necessários para que o poeta se redescubra:

Estou escuro, estou rigorosamente noturno, estou vazio,
esqueço que sou um poeta, que não estou sozinho,
preciso aceitar e compor, minhas medidas partiram-se
mas preciso, preciso, preciso.
Rastejando entre cacós, me aproximo
Não quero mas preciso tocar a pele de homem,
conhecer um novo amigo e nele me derramar.
(Mário de Andrade desce aos infernos, p.191)

Antonio Candido, ao analisar a poesia drummoniana, afirma que ela se esconde, agarra-se nas palavras, pois “o trabalho poético permitirá arranjá-las de tal maneira que elas a libertem, pois a poesia não é a arte do objeto, [...] mas do nome do objeto, para constituir uma realidade nova”. (1977, p, 117)

Referindo-se à poética drummoniana, Merquior constata que nela “as palavras não são necessariamente hostis; [...] elas não se esquivam sistematicamente ao poeta - aguardam-no, pois a linguagem ‘em estado de dicionário’ encerra os poemas ‘que esperam ser escritos.’” (1975, p. 77).

No último poema, aludindo a cenas de Charles Chaplin, o poeta rende uma homenagem àquele que teve a coragem de sublimar o real e “driblar” os tempos modernos (modernos?):

Ó Carlitos, meu e nosso amigo, teus sapatos e teu bigode
[caminham numa rua de pó e esperança

(Canto ao homem do povo Charles Chaplin, p.196)

As poesias em *A Rosa do Povo* são, marcadamente, poesias de cunho social, que se “despetalam” e carregam para o seu bojo os problemas existenciais, configurando-se ora num nihilismo, ora na revelação de um mundo que se revela por meio de uma linguagem seca, “noturna”, mas que conserva o “pudor da alva”, o lirismo palpitante no momento mesmo das coisas, no instante-já, que rodeia o poeta e de que ele não pode fugir.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CANDIDO, A. Inquietudes na poesia de Drummond. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, pp. 94-112.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio/ SECCT, 1975.
- SANTIAGO, Silvano. Posfácio. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996.